

Prosa *Poeteiro* Verso  
Iba Mendes

# Literatura



## Qorpo Santo

*Um credor da Fazenda Nacional*

( Teatro )



**Iba Mendes**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# Qorpo Santo

*Um credor da Fazenda Nacional*

---

Escrito em 1866.

**José Joaquim de Campos Leão  
(1829 – 1883)**

“Projeto Livro Livre”

**Livro 365**

---



Poeteiro Editor Digital  
São Paulo - 2014  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)



## Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro Qorpo Santo: *“Um credor da Fazenda Nacional”*.

É isso!

Iba Mendes  
[iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com)

## BIOGRAFIA

José Joaquim de Campos Leão, Qorpo-Santo, nasceu no dia 19 de abril de 1829, na Vila do Triunfo, Província do Rio Grande do Sul. Foi comerciante, professor público, diretor de colégio, subdelegado de polícia e vereador da Câmara Municipal de Alegrete.

Sua atividade intelectual e artística desenvolveu-se após o aparecimento de certas perturbações, em 1863; a partir desta data, começa o processo que resultaria em sua interdição, sob justificativa de que portava alienação mental. Escreve em 1866, de janeiro a junho, pelo menos 16 das 17 peças de teatro de sua autoria hoje conhecidas; sendo elas: *O hóspede atrevido* ou *O brilhante escondido*; *A impossibilidade da santificação* ou *A santificação transformada*; *O marinheiro escritor*; *Dois irmãos*; *Duas páginas em branco*; *Mateus e Mateusa*; *As relações naturais*; *Hoje sou Um e amanhã Outro*; *Eu sou Vida, eu não sou Morte*; *A separação de dois esposos*; *O marido extremoso* ou *O pai cuidadoso*; *Um credor da Fazenda Nacional*; *Um assovio*; *Certa Entidade em busca de Outra*; *Lanterna de fogo*; *Um parto*; *Uma pitada de rapé*, sendo esta última incompleta.

No ano de 1877, abre uma tipografia e edita os nove volumes de sua *Ensiqlopédia* ou *Seis Mezes de Huma Enfermidade*. Esta obra revelou um autor completamente original, que antecipou, mesmo que não programaticamente, procedimentos formais da poesia e do teatro do século XX, além de reunir crônica, biografia e prosa.

Apesar de ser um homem com certa popularidade e possuidor de alguns bens, Qorpo-Santo teve sua produção artística praticamente ignorada por seus contemporâneos; isso parece se dever em muito às transformações pelas quais o escritor passou. O respeitado professor converteu-se em uma figura extravagante, cheia de manias e com idéias estéticas pouco convencionais para a sociedade do século XIX. É com a transfiguração do pacato José Joaquim de Campos Leão no estranho visionário auto-nomeado Qorpo-Santo que nasce o autor das obras que aqui consideramos. Seus escritos são todos produtos de uma visão de mundo singular que complexamente articula postulados filosóficos, filológicos, teológicos e estéticos, de acordo com a perspectiva de um intelecto ex-cêntrico.

Para entendermos melhor a sua personalidade difícil há de se acrescentar diversas outros aspectos, que ao crescer em sua profissão e desenvolvê-la com muita dedicação, ninguém contava com os percalços da vida que se cristalizaram nas manias, nos vícios e na impertinência, as quais se tornaram marcas suas. De outro modo, a ambição o faz “enlouquecer”. Não que ele

possuísse ambições, mas fora envolvido, como ele mesmo comenta, pelo sentimento de sua mulher. A clausura o faz criar e desenvolver uma obsessão, uma monomania. Diante desse distúrbio ele cria uma nova personalidade ou recupera-a do passado, da infância, mais especificamente, uma experiência que parece muito incomum, mas um fato. Referimo-nos ao “estupro” sofrido (talvez desejado) por sua mãe, tornando-o a personagem de sua própria vida e criação, o misterioso Qorpo-Santo, que criou em torno de si a desculpa da loucura para, possivelmente, só assim, encontrar a liberdade que desejava. Mas, liberdade para quê?

Se não a tinha para se administrar enquanto homem? Liberdade, ao menos, para denunciar como um louco tudo aquilo que a sociedade condenava e que, entretanto, ele próprio se deleitava em fazer.

Este teatrólogo configura-se em um homem que se transformou em um mito, não só pela particularidade de sua história, mas também, pela curiosidade de sua literatura.

Como era de praxe entre os artistas oitocentistas seu falecimento é marcado pela “tísica pulmonar” e pela solidão. Em primeiro de maio de 1883, precisamente aos 54 anos de idade chega a óbito, mas sua morte não encerra as discussões sobre sua vida, nem sobre sua morte, já que seu falecimento também foi envolvido por dúvidas e mistérios.

---

**Referências Bibliográficas:**

1. Douglas Ceccagno: “Ovelhas merinas: malditas feras: O imaginário social no teatro de Qorpo-Santo”. Dissertação de Mestrado. Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul/RS, 2006.
2. Carlos Augusto Nascimento Sarmiento-Pantoja: “Olhares caleidoscópicos do teatro de Qorpo-Santo”. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará – UFPA. Belém/PA, 2006.
3. Maria Clara Gonçalves: “Percorrendo o universo de devaneios, distorções e dualidades: considerações acerca da dramaturgia de Qorpo-Santo”. Dissertação de Mestrado. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Assis/SP, 2001.

# UM CREDOR DA FAZENDA NACIONAL

## PERSONAGENS

CREDOR

PORTEIRO

UM MAJOR

UM CONTÍNUO

EMPREGADOS DA REPARTIÇÃO

OUTROS: CREDOR

LEOPOLDINO, *CONTADOR*

CHEFE DE SEÇÃO

SR. BARBOSA

## ATO PRIMEIRO

UM CREDOR - (*entrando em uma repartição pública; para o Porteiro*) - Está o Sr. Inspetor?

PORTEIRO - Está; mas não se lhe pode agora falar.

CREDOR - Por quê?

PORTEIRO - Está muito ocupado!

CREDOR - Em quê?

PORTEIRO - Tem gente aí com ele.

CREDOR - Quem é?

PORTEIRO - Um Major!

CREDOR - Demorar-se-á muito?

PORTEIRO - Ignoro.

CREDOR - Pois diga-lhe que lhe quero falar!

PORTEIRO - Não posso ir lá agora.

CREDOR - Quantas horas estarei eu aqui à espera que o Sr. Major saia para que eu entre! (*Passeia*). (*O MAJOR, saindo e encontrando-se com o Credor.*)

CREDOR (*para o MAJOR*) - Oh! O Sr. por aqui! Julgava-o quem sabe onde! Disseram-me que tinha ido para Rio Pardo há dias!

MAJOR - Tenho tido aqui numerosos afazeres, por isso não sei quando irei.

CREDOR - Fique certo que sinto o mais vivo prazer em vê-lo no gozo da mais perfeita saúde.

MAJOR - Onde é aqui a tesouraria?

CREDOR - Na Tesouraria estamos; mas o Tesoureiro está lá embaixo.

PORTEIRO - Lá, não; lá está o pagador!

CREDOR - Ah! Então é cá em cima; porém nos fundos; creio que na última sala.

MAJOR - Então para lá vou. (*Segue.*)

CREDOR - Agora entro eu. (*Dirigindo-se à repartição.*)

PORTEIRO - Está lá o Sr. Leopoldino Contador!

CREDOR – É célebre! Então vou à seção respectiva saber se foi informado o meu requerimento! (*Caminha, e entra.*)

PORTEIRO - Que diabo de homem este! Tem vindo mais de um cento de vezes à repartição... se há de...

CONTÍNUO - Faz ele muito bem vir cá ! Deve-se lhe, por que não se lhe há de pagar?

CONTÍNUO - Homem; isso é verdade! Qual a razão por que esta repartição há de paliar meses e anos!?

PORTEIRO - Custa a crer a retardação de pagamento ou a preguinha, segundo dizem alguns empregados!

CONTÍNUO - O caso é que ele tem procedido sempre com a maior prudência!

PORTEIRO - Isso é verdade. Mas quantos terão sofrido pela falta de cumprimento de deveres de alguns funcionários públicos?

CONTÍNUO - É verdade! Tem havido tantos males, que enumerá-los talvez fosse impossível.

PORTEIRO - Mas tu sabes o que os empregados querem? Talvez não saibas. Pois eu te digo:

1º - Acabar com a Monarquia Constitucional e Representativa!

2º - Pôr termo às repartições públicas; isto é, acabarem com todas estas imposturas!

3º - Mudar a forma de governo para República.

4º - Fazerem uma liga entre todos que...

CONTÍNUO - (*pondo as mãos na cabeça e puxando as orelhas*) - Estás louco! Homem! D'onde vieram-te esses pensamentos!? Se não mudas de modo de pensar, vais parar à Caridade.



PORTEIRO - Ah! Tu não ouves! És surdo! Não vês. Tens olhos e não enxergas! Ouidos, e não ouves! Só falas! Tu verás a revolução que em breve se há de operar! Olha; eu estou vendo o dia em que entra por aqui uma força armada; vai aos cofres, papéis. e rouba quanto neles se acha. Acende um facho, e laça fogo em tudo quanto é papéis.

CONTÍNUO - (*a correr*) - Ih! Ih! Ih! Parece que já estou ouvindo o tinir das espadas! A voz do canhão troar. Deus meu! Acudi-me! Ai! Que eu morro! (*Cai sentado.*) Ai! Ai! Estou cansado! Fadigado! Quase... Meu Deus! Quantas mortes vos aprazera ainda fazer!? Quando vos compadecereis de vossos entes ainda que maus!? Quando se aplacará a vossa ira!? Quando se saciará a vossa vingança! Céus! Que vejo! (*Como amparado com as mãos; pondo o corpo de lado; ao ouvir o som da trovoada que em cima se faz.*) Ah!...

PORTEIRO - (*querendo acudi-lo*) - Não é nada, companheiro e amigo! São os primeiros preparativos para a estralada que logo mais terá de ver e ouvir. Tranqüiliza o teu coração. Ainda não desceram raios, fogo, e tudo o mais que se há preparando para grande revolução! Começará de cima; e descera à terra, como a saraiva em certos dias chuvosos. (*Ouve-se nova trovoada; relâmpagos.*)

CONTÍNUO - (*melhorando pouco; e levantado-se*) - Acho-me um pouco mais animado? Parece-me que isto não é comigo. Que dizes? Hem? (*batendo no ombro do porteiro.*) Que diabo, pois eu nada fiz, o que devo temer!? Sou muito pusilânime.

PORTEIRO - Tu sempre foste um poltrão. De tudo te assustas; de tudo tens medo! Diabo! (*Empurra-o*) Toma juízo! Deixa-te de...

CONTÍNUO - Ora, ora! E não entendo o que é ter juízo, pelo que vejo, e pelo que ouço. Vivo em minha casa. Trabalho incessantemente em proveito meu, e da minha família. Não ofendo a pessoa alguma! Sucede-me isto! Dizei-me: - O que é ter juízo?

PORTEIRO - Ter juízo é cometer... e... ai! ai! (*pondo as mãos no rosto*) que também estou ficando doente!

CREDOR (*voltando*) - Ainda hoje não recebo dinheiro! Prometeu-me um Empregado, e a mais um indivíduo que espera... Como de... (*Sai.*) Veremos se se pode receber segunda-feira!

UM DOS EMPREGADOS - Por que razão não se há de pagar a este homem!?

OUTRO - Eu sei disso!?

CREDOR (*voltando*) - Não tenho melhor resolução a tomar, que a de sentar-me em uma das cadeiras desta repartição e nela esperar até que se me pague.

CERTO INDIVÍDUO - Então, por quê?

CREDOR - Ora, porque!? Porque não dou um passo que não encontre um, que não me peça o aluguel da casa. Outro, que não me peça... que não me fale!...

O INDIVÍDUO - Tudo isso é bom!

CREDOR - É; é; para certos indivíduos; para mim é péssimo! Nunca gostei de ser atacado em casa, quanto mais pelas ruas da cidade! Todos os que compelem a honra, ou aos que desejam viver com seriedade, - a essas cenas, - deveriam em minha opinião ficar condenados a idênticos; ou a outros procederes piores, contrários à sua vontade, ou desejos.

O INDIVÍDUO (*com a mão querendo fazer uma cruz*) - Resquié d'impance! Resquié d'impassere; Amem! Amem! N'amem! N'amem! (*Saindo*). E vou m'embora (*Sai*)

## ATO SEGUNDO

*Salão em que trabalham diversas seções*

CREDOR (*entrando*) - É a vigésima... não me lembro se quinta ou sétima vez que venho a esta casa haver aluguéis de casa! E talvez ainda hoje saia sem dinheiro! (*À parte:* ) Mas eles hão de se arranjar! (*A um dos empregados, o Contador:* ) Vossa Senhoria faz-me o obséquo de dizer se está despachando o conteúdo, ou quer que seja, quando a um requerimento que aqui tenho?

CONTADOR - Será... (*lendo*) Castro... Car... Cirilo, Dilermando!?

CREDOR - Não! É um requerimento meu, assinado - José Joaquim de Qamos Leão, Qorpo-Santo.

CONTADOR - Ah! Esse está no chefe da quarta seção.

CREDOR - Bem, então lá irei. (*Dirigindo-se ao chefe:*) Faz-me o obséquo de dizer se já está despachado um requerimento que aqui tenho?

CHEFE (*apontado*) - Fale ali com o Sr. Barbosa.

CREDOR (*dirigindo-se a este*) - Ainda não encontrou o que procurava a meu respeito?

BARBOSA - Ainda não! Há aqui tantos papéis!

CREDOR - Ora, com efeito! Pois tanto custa ver um ofício da Presidência, ou ver o assentamento que em virtude desse ofício deve existir no livro competente? Isto é, no mesmo em que se acham debitados tais aluguéis!? *(Senta-se.)*

CHEFE - V. Exa. Não adianta nada em esperar aqui! Antes atrasa o serviço para conseguir o que quer; deixe estar que está se trabalhando!

CREDOR - Eu, nem venho interromper, nem venho adiantar! Mas apenas saber! Parece-me cousa tão simples; tão fácil...

BARBOSA - São três ofícios da Presidência que o Sr. Inspetor quer ver! Não é um só.

CREDOR - Srs., eu já sei o que hei de fazer, o que os Srs. querem! Voltarei em tempo! *(Ao sair, encontra-se com outro.)*

O OUTRO - Então, não!? *(Dá-lhe uma caixa de fósforos.)*

CREDOR - Estou doente; e assim fico todas as vezes que venho a esta casa, e dela saio sem dinheiro!

O OUTRO - Então fico eu pelo Sr.! *(O Credor sai; e o Outro entra.)*

O OUTRO - Muito custa esta casa pagar a quem deve! Faz-se uma dúzia de requerimentos para se obter um despacho! Cada requerimento leva outra dúzia de informações! O despacho definitivo obtém-se por milagre! E a paga ou dinheiro que a alguém se deve - quase à força, ou pela força!

UM DOS EMPREGADOS - *(para esse Indivíduo)* - Com efeito! O Sr. é audaz de mais!

O OUTRO - Não! Não é por audácia! É apenas referir o que se passa... o que é verídico!

EMPREGADO - Sim; mas nós não temos culpa!

O OUTRO- Nem eu inculpo a alguém! Mas receio, Srs., que os numerosos incômodos que tenho sofrimento, pelo procedimento que esta repartição para comigo - vai tendo; os vexames; as faltas; as privações; e até as enfermidades que tem me causado e numerosos outros transtornos, farão de repente com que se espalhe fogo nestes papéis - e tudo se incendie *(Toca uma caixa de fósforos numa mesa; esta incendeia-se; ele a atira para as mesas de um dos lados; faz o mesmo à outra, e atira para outro lado; enquanto os empregados*

*trabalham para apagar o fogo em alguns papéis que começam a incendiar-se, ele sai.)*

(Já se vê que há descompostura; repreensões; atropelamento, carreiras em busca d' água; ligeireza para se apagar; aparecimento de alguns outros empregados, ao ouvirem o grito de fogo, etc.

Pode acabar assim; ou com a cena da entrada do Inspetor, repreendendo a todos pelo mal que cumprem seus deveres; e terminando por atirarem com livros e penas; atracações e descomposturas etc.)

*Em Porto Alegre, de 26 a 27 de Maio de 1866.*